

“RENOVA NOS SEUS CORAÇÕES O ESPÍRITO DE SANTIDADE”¹

Cardeal Cláudio Hummes, OFM²

Resumo

Este artigo começa por apresentar as esperanças que a Igreja manifesta ao promulgar o Ano Sacerdotal, reconhecendo os esforços empreendidos em todo o mundo pelos ministros ordenados. Considera a necessidade da missão na sociedade de hoje, a urgência de uma nova evangelização e ressalta, para este efeito, a importância de um itinerário fundamentado no encontro pessoal com Cristo, a fim de se sustentar a missão do sacerdote. Por fim, recorda a solicitude de Bento XVI em relação aos presbíteros e fornece elementos que propiciem a renovação da vida sacerdotal.

Abstract

This article begins by presenting the hopes of the Church in promoting the Year of the Priest, recognizing the efforts undertaken the world over by ordained ministers. It considers the need of mission within today's society, the urgency of a new evangelization and, stresses, to this effect, the importance of an itinerary founded on a personal encounter with Christ to sustain the mission of the priest. Finally, it recalls the concern of Benedict XVI for priests and furnishes elements that favour the renewal of priestly life.

1) Cf. *Pontifical Romano – Ordenação de Presbíteros*.

Texto elaborado para o VI Simpósio do Clero de Portugal, apresentado pelo Cardeal Dom Cláudio Hummes em Fátima, no dia 4 de setembro de 2009, e gentilmente cedido por sua Eminência Reverendíssima para publicação nesta revista dedicada ao Ano Sacerdotal. O resumo, *abstract* e títulos foram acrescentados pelo editorial que também adaptou o texto para artigo.

2) O autor é Doutor em Filosofia pelo *Antonianum* – Roma e especialista em Ecumenismo, no Instituto Ecumênico de Bossey em Genebra – Suíça. É atualmente o Cardeal Prefeito da Congregação para o Clero e Arcebispo Emérito de São Paulo. Membro da Congregação para os Bispos, Doutrina da Fé, Educação Católica, Culto Divino e Disciplina dos Sacramentos e do Pontifício Conselho para os Leigos, Família, *Cor Unum*, Diálogo Inter-Religioso e Cultura. É também membro da Pontifícia Comissão para a América Latina.

“Renova nos seus corações o espírito de santidade”

1. Mensagem da Igreja aos presbíteros no âmbito do Ano Sacerdotal

No Ano Sacerdotal, que estamos a celebrar, a Igreja dirige seu olhar aos Presbíteros do mundo inteiro, com alegria e gratidão. O Papa, ao proclamar este ano especial, disse que deverá “favorecer aquela tensão dos Sacerdotes rumo à perfeição espiritual, da qual, sobretudo, depende a eficácia do seu ministério”.³ Trata-se, portanto, de renovar nos corações dos presbíteros o espírito de santidade [...].

Ao mesmo tempo, no Ano Sacerdotal, a Igreja quer dizer aos presbíteros do mundo inteiro que os ama, os admira, os venera e reconhece o imenso trabalho pastoral que realizam, principalmente nas comunidades locais, no meio do povo. Ali, são os presbíteros que fazem acontecer a Igreja no dia-a-dia. Ali, eles são os pastores imediatos, que constroem e dinamizam as comunidades eclesiais. Ali, pregam a Palavra de Deus, evangelizam, ajudam o povo a ler a Bíblia, catequizam, reúnem o povo fiel para celebrar a Eucaristia e os demais sacramentos; realizam outras formas de oração comunitária e de devoção; congregam a comunidade para discutir, planejar e executar planos de pastoral e de missão; conduzem a comunidade a assumir a solidariedade e a caridade para com os pobres, e a promover a justiça social, os direitos humanos, a dignidade igual para todos, a liberdade e a paz na sociedade. A Igreja caminha com os pés dos presbíteros. Quando eles param, a Igreja tem dificuldade de avançar; quando eles se movem, a Igreja se move. Poder-se-ia continuar a enumerar e a especificar o gigantesco trabalho exercido pelos presbíteros para fazer a Igreja ser luz e fermento na sociedade. Na verdade, exercem um ministério estratégico e essencial para a vida concreta e quotidiana da Igreja no mundo.

2. Missão e vocação dos presbíteros no contexto hodierno

Os presbíteros são importantes para a Igreja e a sociedade não só pelo que fazem, mas também pelo que são, isto é, por seu exemplo de vida de fé, de vida evangélica, apostólica e missionária, vida de comunhão eclesial, vida espiritual, de oração, de amor a Deus e aos irmãos, em especial aos pobres, vida de despojamento e humildade, vida eucarística; totalmente entregues ao serviço de Deus e do povo, na esperança do Reino futuro e definitivo de Deus. Na verdade, a Igreja deve muitíssimo aos padres e, por isso, deve amá-

3) Discurso em 16 de março de 2009.

los, apoiá-los sempre, reconhecer seu serviço e dedicação, encorajá-los quando cansados, doentes, desanimados ou com outras dificuldades; alegrar-se com eles quando seu ministério floresce e frutifica e oferecer-lhes sempre, na medida do possível, as condições necessárias para viver digna e eficazmente sua vocação e missão.

Os sacerdotes vivem sua vocação e missão obviamente em uma sociedade concreta, historicamente situada, plasmada por determinada cultura. Hoje, a sociedade em que vivemos caracteriza-se por uma nova cultura dominante. Pelo mundo afora, há, com certeza, ainda culturas remanescentes mais antigas. Muitos países apresentam um verdadeiro pluriculturalismo. Mas podemos dizer que em nosso Ocidente há uma cultura atual dominante, que chamamos também de pós-moderna e que se difunde sempre mais por todo o mundo, principalmente através da mídia global e da mobilidade humana. Trata-se de uma cultura urbana, pluralista, subjetivista, secularizada, laicista. Por vezes chega ao extremo do nihilismo. É marcada também por um ineludível fascínio pelo progresso científico e tecnológico. Não cabe analisá-la mais profundamente aqui, mas não podemos deixar de sublinhar que a cultura pós-moderna está marcada por um forte relativismo, como o Papa costuma caracterizá-la. Esse relativismo recusa toda afirmação de uma verdade universal, absoluta, transcendente, fundamental e fundante. Em consequência, arruina também os fundamentos da moral e se fecha à religião. Assim, perde-se a paixão pela verdade, relegada a uma “paixão inútil”. Por outro lado, para nós, cristãos, Jesus Cristo apresenta-se como a Verdade, o Logos universal, a Razão que ilumina e explica tudo o que existe.

2.1 Coragem diante da questão vocacional e da evangelização

A cultura atual promove uma descristianização, por demais visível, na maioria dos países cristãos, especialmente no Ocidente. Neste contexto, caiu também o número de vocações sacerdotais. Igualmente o número dos presbíteros reduziu-se drasticamente, seja pela falta de vocações, seja pelo influxo do ambiente cultural em que vivem. Tais circunstâncias poderiam conduzir-nos à tentação de um pessimismo desencorajante que condena o mundo atual. Jesus Cristo, ao invés disso, afirma: “Eu não vim para julgar o mundo, mas para salvá-lo” (Jo 12, 47). Não devemos, portanto, nem nos desencorajar nem ter medo da sociedade atual, nem simplesmente condená-la. Cada cultura humana, também a atual, pode ser evangelizada. Em cada cultura há “sementes do Verbo”, como aberturas para o Evangelho. Certamente, tam-

“Renova nos seus corações o espírito de santidade”

bém em nossa cultura atual. Sem dúvida, também os laicistas, os agnósticos e os assim chamados “pós-cristãos” poderiam ser tocados e reabrir-se, caso fossem levados a um verdadeiro encontro pessoal e comunitário com a pessoa de Jesus Cristo vivo.

O contexto atual, rapidamente descrito, mostra como urge renovar nos corações dos presbíteros o Espírito de santidade, ou como disse o papa: “Favorecer aquela tensão dos Sacerdotes rumo à perfeição espiritual, da qual, sobretudo, depende a eficácia do seu ministério”. A Igreja necessita urgentemente ser mais missionária, tanto *ad gentes* como no interior das próprias comunidades eclesiais já constituídas, onde se multiplicam os batizados que se afastam de sua Igreja-mãe, os chamados “católicos afastados”. Afastados normalmente por falta de evangelização. Ora, os presbíteros, como colaboradores de seu Bispo e em comunhão com ele, são evangelizadores qualificados por força de um sacramento específico, ou seja, são ministros ordenados para a evangelização e para a missão. Pelo sacramento da Ordem, o Espírito Santo configurou-os com Jesus Cristo, Cabeça do povo de Deus. São, portanto, pastores e, como tais, evangelizadores e missionários qualificados.

2.2 Partir de Cristo para exercer a missão

Hoje, requer-se do presbítero que seja um fiel e incansável evangelizador, um missionário capaz de dizer como São Paulo: “Ai de mim, se eu não evangelizar!” (1 Cor 9, 16). Para tanto, será necessário renovar nossa adesão incondicional a Jesus Cristo e sempre de novo revestir-nos de Cristo, para dizer como São Paulo: “Eu sei em quem acreditei” (2 Tm 1, 12). Por essa razão, o Apóstolo escreveu a Timóteo, com grande solicitude:

Exorto-te a reavivar o dom espiritual que Deus depositou em ti pela imposição de minhas mãos. Pois Deus não nos deu espírito de medo, mas um espírito de força, de amor e de sobriedade. Não te envergonhes, pois, de dar testemunho de nosso Senhor (2 Tm 1, 6-8).

Como reavivar em nós o dom espiritual de que fala Paulo? Nosso amado Papa Bento XVI diz que é preciso sempre partir de Cristo. Mas isso supõe tê-Lo encontrado, ter-se deixado por Ele transformar inteiramente, ou seja, ter-se tornado seu discípulo fiel. De fato, tudo começa ali. Encontrar-se com Cristo e deixar-se por Ele transformar. Na escolha dos doze Apóstolos, o Evangelho de Marcos narra, dizendo: “Jesus subiu à montanha, e chamou a si os que ele queria, e eles foram até ele. E constituiu Doze, para que ficassem com ele,

para enviá-los a pregar, e terem autoridade para expulsar os demônios” (Mc 3, 13-15). Temos aqui três momentos que integram a identidade dos Apóstolos: é uma vocação (Jesus chama quem Ele quer), é um discipulado (para que estejam com Ele), e Jesus inclui uma missão (para enviá-los a pregar e a expulsar demônios). De alguma forma são cronologicamente sucessivos, mas também devem permanecer sempre presentes em todo o processo. Cronologicamente eles se sucedem: primeiro, Jesus chama os Doze, depois os forma e, enfim, envia-os. Mas também compõe essencialmente e sempre a identidade do apóstolo: ele vive seu ser apóstolo simultaneamente como alguém chamado, como um discípulo e como missionário. O missionário de Cristo tem consciência de ter sido chamado e dever viver sempre como discípulo, se quiser ser um bom missionário. Ele nunca poderá deixar de renovar em si seu ser discípulo e de se entender como alguém chamado. Ser missionário, ser evangelizador, não é uma autoconstrução, uma autoafirmação ou autoprojeto. Ser missionário é um dom de Deus, que acolhemos livre e responsavelmente, e que devemos preservar e nutrir com a força vivificante que nos vem do Espírito Santo, no seguimento de Jesus, que nos chamou e nos constituiu seus enviados.

Para ser um bom missionário de Cristo, é necessário ser seu discípulo. Aquele “estar com Jesus”, de que fala Marcos, no texto citado, é precisamente o discipulado. “Estar com Jesus” para qualificar-se a ser seu anunciador ao mundo. De fato, os sacerdotes são, por ordenação, ministros qualificados de Cristo para continuar a obra do Senhor no mundo, na história, até o fim dos tempos, enviados ao mundo para levar o Evangelho a todas as criaturas. Devem anunciar Jesus Cristo e seu Evangelho aos homens e, assim, conduzi-los a Cristo, para, por sua vez, tornarem-se seus discípulos. Mas para qualificar-se a tão sublime ministério, o sacerdote necessita, antes, ser ele mesmo conduzido a Cristo, e, por Ele, ser transformado em discípulo, pois, como poderia conduzir outros se ele mesmo não tivesse percorrido o caminho?

2.3 A importância do encontro pessoal com Cristo no itinerário do sacerdote

Ter sido conduzido a encontrar-se pessoalmente com Jesus Cristo vivo e ter iniciado o discipulado: isso normalmente já deveria ter acontecido no processo de iniciação cristã de cada um de nós. Todo cristão deve percorrer este itinerário. Os leigos tornam-se participantes da filiação divina de Jesus, tornam-se filhos de Deus e membros do povo de Deus e nesta condição são dis-

“Renova nos seus corações o espírito de santidade”

cípulos e anunciadores de Jesus Cristo. Os sacerdotes, no entanto, são chamados e ordenados para serem configurados com Cristo, Cabeça da Igreja, com Cristo-Pastor, e assim devem entrar num discipulado específico que inclui uma forma particular de “estar com ele” e serem enviados à missão específica de pastor. Talvez o texto de Marcos no-lo indique, quando faz entender que o grupo do qual Jesus escolhe os Doze era o grupo de seus discípulos. Mas os Doze deveriam entrar num discipulado específico, para uma missão específica. Ora, hoje, este discipulado específico do sacerdote se inicia e desenvolve na formação seminarística, que supõe, portanto, também um encontro novo e específico do seminarista com Cristo. A própria Ordenação sacerdotal apresenta-se como um evento em que normalmente ocorre um profundo encontro pessoal e comunitário do ordenado com Cristo.

Contudo, pode haver sacerdotes que tenham feito de forma insuficiente e superficial — ou até mesmo nunca terem feito — um encontro forte e pessoal com Jesus Cristo e, portanto, também não se terem tornado verdadeiros discípulos do Senhor. Para esses, o ministério ordenado recebido se converteu em uma espécie de profissão eclesiástica, que desenvolvem como funcionários que aprenderam a fazer a função. Sua formação cristã e seminarística provavelmente se resumiu, sobretudo, em uma endoutrinação e em uma formação moral formal, que se revestiu no caminho também de ritos formais. Mas nunca houve suficiente adesão pessoal a Jesus Cristo, uma vida com Ele, uma intimidade e relação pessoal com Ele. Também um simples cristão pode nunca ter sido conduzido a tal relação pessoal com Cristo, mas apenas ter aprendido a doutrina e a moral cristãs. Esse também nunca experimentou o sabor da vida com Cristo e facilmente, quando adulto, abandona sua Igreja e é presa fácil de outros pregadores. Por isso, com razão, Bento XVI, na encíclica *Deus caritas est* ensina que “no início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo” (n. 1).

2.3.1 Perigos e dificuldades no decorrer do itinerário

Por outro lado, os que no passado fizeram esta experiência de Jesus Cristo, este encontro, e se tornaram seus discípulos, podem, no transcurso da vida, perder esta graça, este dom. Realmente, trata-se de uma graça, um dom, que deve ser acolhido com amor e elaborado com cuidado e atenção. Carregamos essa graça em vasos de barro. De modo particular, a cultura pós-moderna não ajuda os sacerdotes a manterem-se neste discipulado, porque nega toda trans-

cendência e trata de fazer crer que uma vocação, como a presbiteral, é totalmente anacrônica e mesmo sem fundamentos, retrógrada e irracional. O presbítero então pode sentir-se como que enganado pela vida e perde lentamente o sentido de sua vocação. No fundo, perde a fé. É como se, no caminho do seguimento de Jesus, o presbítero começasse a ficar cada vez mais para trás e mais longe de Jesus Cristo, que caminha adiante, até perdê-Lo de vista no horizonte. A partir de então, o sacerdote fica só e extraviado. Isso pode ocorrer com os sacerdotes não só por causa da cultura pós-moderna, mas também em outras circunstâncias adversas. Em todo o caso, como levá-los a um novo encontro com o Senhor? Como renovar em seus corações o Espírito de santidade?

2.4 A pedagogia evangélica do encontro

O discipulado sempre se inicia — ou se renova — mediante um encontro forte e pessoal com Jesus Cristo. Os Evangelhos descrevem estes encontros de pessoas com Jesus, durante a vida terrena dele, na Palestina. Vejamos alguns exemplos. Tomemos o texto de João 1, 35-51, em que se narra como ocorreu a adesão dos primeiros discípulos. Jesus havia sido batizado por João, no Rio Jordão. No dia seguinte, João Batista estava de novo ali com dois de seus discípulos. Acontece que também Jesus naquele momento passou de novo por aí. João, ao vê-Lo, o proclamou, dizendo: “Eis o Cordeiro de Deus”. Ouvindo isto, os dois discípulos de João aproximaram-se de Jesus e lhe perguntaram: “Onde moras?” Jesus lhes respondeu: “Vinde e vede”. Então, eles foram com Jesus, viram onde morava e permaneceram com ele o resto do dia.

O encontro dos dois com Jesus foi um acontecimento muito intenso e iluminador. Encontro que Jesus espera que também nós façamos e sempre renovemos, encontro forte e pessoal com ele, para iniciar e desenvolver nosso discipulado. Encontro face a face, interpessoal e transparente. De fato, os dois discípulos de João que se encontraram naquele dia com Jesus, deixaram-se atrair e envolver pessoalmente. Saíram desse encontro transformados, encantados, entusiasmados. Havia se deixado alcançar por Jesus e este os havia impressionado profundamente. Eles creram em Jesus. Aderiram a Ele com todo o seu ser. A partir desse encontro, tinham a certeza de que este era o enviado de Deus, o Messias prometido, que João anunciava, e isso os fazia vibrar de emoção e de alegria espiritual. Estavam prontos para segui-Lo e investir tudo nEle. Ele seria daqui para frente seu Mestre e seu caminho, sua certeza e sua felicidade. Ele seria o sentido de sua vida. Fizeram-se discípulos

“Renova nos seus corações o espírito de santidade”

seus, para nunca mais o deixar. Como dirá mais tarde o Apóstolo Paulo, também eles podiam dizer:

Quem nos separará do amor de Cristo? A tribulação, a angústia, a perseguição, a fome, a nudez, os perigos, a espada? [...] Pois estou convencido de que nem a morte nem a vida, nem os anjos nem os principados, nem o presente nem o futuro, nem os poderes, nem a altura nem a profundidade, nem qualquer outra criatura poderá nos separar do amor de Deus manifestado em Cristo Jesus, nosso Senhor (Rm 8, 35.38-39).

Essas devem ser também as palavras que brotam de nosso coração de sacerdotes, quando nos encontramos com Cristo. Mas, é preciso deixar-se alcançar de novo por Ele, com o coração aberto e disponível. Então poderemos dizer como o Apóstolo Paulo: “Eu já fui alcançado por Cristo” (Fl 3, 12).

O texto evangélico continua a narrar como os dois discípulos saíram deste encontro para anunciar a seus companheiros tudo o que haviam experimentado, a fim de conduzi-los, por sua vez, a um encontro com Jesus. Diz o texto que André era um dos dois. Ele foi apressadamente em busca de seu irmão Simão, para dizer-lhe, ainda comovido e feliz: “Encontramos o Messias!”. Esta afirmação simples e entusiasmada de André deve ter surpreendido profundamente Simão, pois toda a nação de Israel esperava o Messias desde séculos. Os profetas, de época em época, recordavam isso ao povo. Mas agora, ouvir tão abruptamente da boca de seu irmão: “Encontramos o Messias”, deve ter-lhe causado intensa emoção. Ele aceita ir com André para encontrar-se com Jesus. Quando chegaram, Jesus fixa o olhar em Simão e diz: “Tu és Simão, filho de Jonas; serás chamado Cefas (que quer dizer Pedra)”. Com certeza, o encontro se prolongou. Quando enfim saíram dali, Simão Pedro e André haviam sido conquistados para sempre. Suas vidas, daquele momento em diante, mudarão totalmente. Serão discípulos desse Jesus, em quem reconheceram o Messias prometido.

No dia seguinte, Jesus encontra Filipe, que — como diz o texto — vivia na mesma cidade que Pedro e André. De novo se repete a extraordinária transformação que faz de Filipe um discípulo. Ele também, como André fez com seu irmão, vai buscar alguém que possa ouvi-lo e a quem possa transmitir a maravilhosa experiência e o forte encontro que mudou sua vida e seu futuro. Vai buscar Natanael e lhe diz: “Encontramos aquele de quem escreveram Moisés, na Lei, e os profetas: Jesus, o filho de José, de Nazaré” (Jo 1, 45). Também Natanael se sente sacudido pela surpreendente afirmação de Filipe e resolve acompanhá-lo para encontrar Jesus. Este o recebe com uma acla-

mação que faz Natanael sentir-se imediatamente acolhido como se fosse um familiar, um conhecido e amigo. Jesus lhe diz: “Eis verdadeiramente um israelita em quem não há fraude!” (Jo 1, 47). No transcurso desse encontro, também Natanael é transformado, atraído e iluminado. Ele sente-se envolvido pessoalmente e percebe que Jesus o vincula a si para sempre. Natanael adere a Jesus, crê que Ele é o Messias e exclama: “Mestre, tu és o Filho de Deus, tu és o Rei de Israel” (Jo 1, 49).

Os evangelistas trazem muitos outros exemplos de encontros de Jesus com pessoas que terminam por crer nEle, aderir totalmente a Ele, fazer-se seus discípulos e discípulas, capazes de investir toda a sua vida nEle e em seu Reino. Podemos citar os encontros com os irmãos Lázaro, Marta e Maria, o encontro com Nicodemos, com a samaritana, com Mateus, com o rico Zaqueu e tantos outros. Em todos estes casos, ocorreu aquela extraordinária transformação interior, a adesão pessoal, a fé, a prontidão em seguir Jesus e ser seu discípulo. Houve também casos, como o do jovem rico, em que o encontro faliu por falta de abertura de coração e disponibilidade do jovem. Não podemos deixar de mencionar os encontros que ocorreram depois da ressurreição de Jesus Cristo. Esses encontros renovaram e aprofundaram a adesão dos discípulos e discípulas, que, depois, com o dom do Espírito Santo, foram fortalecidos e consolidados na fé e no discipulado, bem como na missão.

2.5 O encontro com Jesus em nossos dias: fundamento sólido e profundo que deve sustentar o sacerdote na vocação e na missão

E nós, hoje, como podemos fazer ou renovar este encontro tão decisivo e transformador? Hoje, Jesus não é mais visível entre nós, como no tempo de sua vida terrena. Hoje, sua presença na Igreja e no mundo é de outra natureza. Como encontrá-Lo hoje? O Servo de Deus, João Paulo II, em seu documento *Ecclesia in America* (EIA), n. 10, quer orientar-nos nesta busca. Encontrar a Cristo é um dom de Deus e não simples resultado do esforço humano. Devemos pedi-lo e acolhê-lo humildemente. Na verdade, é Deus mesmo quem primeiro nos busca e nos oferece este dom, porque nos ama e não quer perder-nos. Ele sabe que só por Cristo chegaremos ao Pai. É necessário encontrar a Cristo. Ele bate à nossa porta. Mas somos nós que devemos abrir e acolhê-lo livremente. Devemos deixar-nos alcançar por Jesus Cristo.

Um lugar privilegiado para o encontro ou o reencontro com ele é, como ensina João Paulo II, a escuta da Palavra de Deus, seja ouvindo o Kerigma fundamental, pois, como escreve São Paulo: “A fé nasce da pregação” (Rm

“Renova nos seus corações o espírito de santidade”

10, 17), seja lendo a Palavra de Deus. No caso da leitura, o papa recomenda a *lectio divina*, a leitura orante “à luz da Tradição, dos Santos Padres e do Magistério, aprofundada através da meditação e da oração” (EIA, n. 12). Trata-se, como sabemos, de uma leitura em vários passos: 1º ler devagar e com atenção, como se fosse a primeira vez, para entender o que quis dizer o texto quando foi escrito; 2º meditar o texto, para descobrir o que o texto me diz hoje a mim e ao mundo; 3º a partir do que entendi do texto, colocar-me em oração e deixar o Espírito Santo orar em mim; é o momento do encontro com Cristo: ele me fará experimentar o amor com que Deus nos ama e nos amou primeiro; 4º contemplar o mistério de Deus, que é amor, e deixar-se envolver pessoalmente com Deus, por Jesus Cristo, no Espírito Santo. Neste quarto momento, não são necessárias muitas palavras, senão se sentir diante de Deus e em Deus, como filhos muito amados.

Outro lugar onde podemos encontrar a Jesus Cristo é na liturgia, principalmente na Eucaristia. A forma real mais incisiva de sua presença entre nós neste mundo, através da História, apresenta-se na Eucaristia, no pão e vinho consagrados. Esse pão e esse vinho são o próprio Corpo e Sangue de Cristo, imolado na Cruz e ressuscitado dentre os mortos. Ainda que em forma sacramental, Ele está ali presente realmente, com sua divindade e sua humanidade imolada e ressuscitada.

Outro lugar que pode nos proporcionar este encontro buscado é certamente a oração, seja pessoal, seja comunitária. Também o encontro com os pobres pode tornar-se encontro com Cristo, pois Ele mesmo quis ser identificado neles.

Certamente há muitos outros lugares ou circunstâncias que constituem oportunidade de encontro forte com o Senhor. O importante é que o presbítero busque este encontro, abra seu espírito e seu coração, deixe-se alcançar por Jesus Cristo, habitue-se a andar com Ele, como o discípulo que segue o Mestre. Aí está o fundamento sólido e mais profundo da espiritualidade que deve sustentar o sacerdote na vocação e na missão.

2.6 *Caráter missionário do presbítero na “Nova Evangelização”*

Dito isso sobre a importância da renovação do discipulado para os presbíteros, no esforço de “favorecer aquela tensão dos Sacerdotes rumo à perfeição espiritual, da qual, sobretudo, depende a eficácia de seu ministério”, agora convém deter-nos sobre o caráter missionário, cuja renovação viria ao encontro da nova urgência missionária da Igreja. Com efeito, os últimos

papas não se cansaram de insistir neste tema. Assim, vai se fortalecendo uma nova consciência missionária. Ela nasce como resposta ao desenvolvimento e à difusão da adveniente cultura pós-moderna que transforma a sociedade atual com força avassaladora e a descristianiza velozmente. Acrescente-se o fenômeno dos católicos afastados, que sempre existiram, mas hoje se tornam presa fácil de outras doutrinas e práticas, seja do relativismo, seja da indiferença religiosa.

A nova consciência missionária está crescendo há algum tempo. Podemos recordar o Concílio Vaticano II, que destacou a natureza missionária de toda a Igreja. Depois, Paulo VI publicou a *Evangelii Nuntiandi* sobre a evangelização no mundo atual. João Paulo II publicou a significativa encíclica *Redemptoris Missio*, sobre a missão. Ao mesmo tempo, convocou a Igreja inteira para uma nova evangelização nas regiões onde a Igreja já está estabelecida, “com novo ardor missionário, novos métodos e novas expressões”. A partir desta convocação e durante todo o seu pontificado, João Paulo II nunca deixou de insistir na nova evangelização, fazendo dela um ponto central de seu ministério. Na passagem do milênio, convocou a Igreja inteira a não temer e a lançar-se em meio à sociedade atual para pregar Jesus Cristo. Com as palavras do próprio Jesus “*Duc in altum!*”, recordou que não devemos permanecer desanimados ante eventuais fracassos ou escassez de frutos em nosso passado, como Pedro e seus companheiros pescadores estavam desanimados à beira do lago, porque não haviam pescado nada. Ao contrário, assim como Pedro se reanima com as palavras do Mestre e com a presença do Mestre em uma nova tentativa de pesca, que foi extraordinariamente abundante, também a Igreja no novo milênio deve ter fé em Jesus Cristo, que não abandona sua Igreja e a acompanha sempre em sua missão evangelizadora.

3. Incentivos do Santo Padre aos ministros ordenados e considerações finais

3.1 Constante solicitude de Bento XVI em relação aos sacerdotes

Nosso amado Papa Bento XVI conduz a barca de Pedro na mesma direção. Já em seu discurso ao clero romano, no dia 13 de maio de 2005, diz:

Numa cidade tão grande como Roma, [...], queridos sacerdotes, Cristo ressuscitado chama-nos a ser suas testemunhas e dá-nos a força do seu Espí-

“Renova nos seus corações o espírito de santidade”

rito para o sermos verdadeiramente. Portanto, é necessário estar com Ele (cf. Mc 3, 14; At 1, 21-23). Como na primeira descrição do *munus apostolicum*, em Marcos 3 está descrito aquilo que o Senhor pensava que um apóstolo deveria ser: estar com Ele e ser disponível para a missão. As duas coisas juntas. Só estando com Ele, estaremos também e sempre em movimento com o Evangelho para o próximo [...]. Para nós são válidas as palavras do Apóstolo Paulo: ‘Se eu anuncio o Evangelho, não é para mim um motivo de glória, é antes uma obrigação [...]: ai de mim se eu não evangelizar’ (1 Cor 9,16).

Também em 2005 (21 de agosto), em seu discurso aos bispos da Alemanha, disse Bento XVI:

Sabemos que o secularismo e a descristianização estão se alastrando, que o relativismo cresce e que a influência da ética e da moral católicas diminui cada vez mais. Não poucas pessoas abandonam a Igreja [...]. Diletos Irmãos, vós mesmos afirmastes na vossa Carta Pastoral de 21 de setembro de 2004, por ocasião do Jubileu de São Bonifácio: ‘Nós tornamo-nos terra de missão’ [...]. Por isso, julgo que em toda a Europa [...] deveríamos refletir seriamente o modo como hoje podemos realizar uma verdadeira evangelização, e não somente uma nova evangelização, mas muitas vezes uma verdadeira e própria primeira evangelização. As pessoas não conhecem Deus, não conhecem Cristo. Existe um novo paganismo, e não é suficiente que nós procuremos manter o rebanho já existente. [...]. Creio que todos juntos devemos encontrar modos novos de levar o Evangelho ao mundo atual, anunciar de novo Cristo e estabelecer a fé.

Quando foi ao Brasil para abrir a V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, em Aparecida, em 2007, ao falar ao episcopado brasileiro, na Catedral de São Paulo, no dia 11 de maio, o Papa disse:

Entre os problemas que afligem a vossa solicitude pastoral está, sem dúvida, a questão dos católicos que abandonam a vida eclesial. Parece claro que a causa principal, dentre outras, deste problema, possa ser atribuída à falta de uma evangelização em que Cristo e a Igreja estejam no centro da explanação. As pessoas mais vulneráveis ao proselitismo agressivo das seitas — que é motivo de justa preocupação — e incapazes de resistir às investidas do agnosticismo, do relativismo e do laicismo são geralmente os batizados não suficientemente evangelizados, facilmente influenciáveis, porque possuem uma fé fragilizada e, por vezes, confusa, vacilante e ingênua, embora conservem uma religiosidade inata. [...]. É necessário, portanto, encaminhar a atividade apostólica como uma verdadeira missão dentro do rebanho que constitui a Igreja [...]. Trata-se efetivamente de não poupar esfor-

ços na busca dos católicos afastados e daqueles que pouco ou nada conhecem sobre Jesus Cristo. [...] O povo pobre das periferias urbanas ou do campo precisa sentir a proximidade da Igreja [...]. Os pobres são os destinatários privilegiados do Evangelho, e um Bispo, modelado segundo a imagem do Bom Pastor, deve estar particularmente atento em oferecer o divino bálsamo da fé, sem descuidar do ‘pão material’. Como pude evidenciar na Encíclica *Deus caritas est* (n. 22), ‘a Igreja não pode descurar o serviço da caridade, tal como não pode negligenciar os Sacramentos nem a Palavra’ (n. 3).

3.2 A missão enquanto fator de renovação da vida sacerdotal

A missão, portanto, é urgente. Constitui também uma das oportunidades mais eficazes para renovar a vida sacerdotal. Na missão, o presbítero reencontra de forma dinâmica e ativa o sentido profundo e permanente de seu ser sacerdotal. Reencontra a alegria de seu ministério. Obviamente, a Igreja como tal, com toda a sua vida e atividade, é constante proclamação missionária de Jesus Cristo e de seu Reino. Em consequência, todo o tipo de atuação e testemunho do padre é também ação missionária. Mas aqui se trata da atividade missionária estrita, ou seja, trata-se de ir e pregar. Trata-se de levantar-se, sair de casa e ir em busca das pessoas, onde elas vivem e trabalham. Não podemos limitar-nos a atender e evangelizar as pessoas que nos procuram na igreja e na casa canônica. Não pode o sacerdote limitar-se a lançar da janela de sua casa a semente da Palavra de Deus. É urgente ir a campo aberto, no meio da sociedade, e ali lançar a semente, como fez o semeador do Evangelho. Portanto, é preciso ir em busca dos afastados que nós batizamos, mas não conseguimos evangelizar suficientemente. Buscar também todos que pouco ou nada conhecem de Jesus Cristo. Aproximar-se das pessoas concretas, ouvi-las sobre suas vidas, seus sofrimentos, suas alegrias e suas aspirações, para então anunciar-lhes Jesus Cristo, morto e ressuscitado, e seu Reino, e conduzi-las ao encontro concreto, pessoal e depois comunitário com o Senhor vivo, para tornarem-se seus discípulos.

Reencontrar a estrada do discipulado e da missão concreta no meio do povo restaura a espiritualidade do presbítero e ilumina o sentido profundo de seu ministério. Desta renovação, o sacerdote recebe também luz mais intensa para entender e viver o carisma de seu celibato. É uma lei canônica positiva, mas em sua íntima natureza o celibato é carisma dado pelo Espírito Santo. Quem não tiver recebido de Deus este carisma, por mais que tenha outras boas qualidades, não deve ser ordenado. A Igreja latina exige este carisma. Constitui um dos critérios para aceitar alguém

“Renova nos seus corações o espírito de santidade”

às Ordens Sacras, um carisma a ser discernido no tempo da formação seminarística. Para seu entendimento, convém ler a encíclica *Sacerdotalis Coelibatus* (1967) de Paulo VI, onde se diz:

Cristo, Filho único de Deus, está constituído, em virtude da sua mesma encarnação, Mediador entre o céu e a terra, entre o Pai e o gênero humano. Em plena harmonia com esta missão, Cristo manteve-se toda a vida no estado de virgindade, o que significa a sua dedicação total ao serviço de Deus e dos homens. Este nexó profundo em Cristo, entre virgindade e sacerdócio, reflete-se também naqueles que têm a sorte de participar da dignidade e da missão do Mediador e Sacerdote eterno, e essa participação será tanto mais perfeita quanto o ministro sagrado estiver mais livre dos vínculos da carne e do sangue (n. 21).

Está aí o significado cristológico do celibato sacerdotal. Mas a encíclica expõe também seu significado eclesiológico e o escatológico. [...] Seria útil, senão necessário, que os sacerdotes relesem a citada encíclica.

3.3 Meios para nutrir a espiritualidade do presbítero

Por todas essas razões, a espiritualidade do presbítero deve ser nutrida cada dia. Os grandes meios são os seguintes: manter um contato assíduo com a Palavra de Deus; amar a Deus e deixar-se amar por Ele; levar uma vida de oração autêntica que inclui a Liturgia das Horas e a devoção mariana; celebrar diariamente a Eucaristia, como centro de sua vida ministerial; recorrer regularmente ao Sacramento da Confissão; viver a comunhão eclesial, principalmente com o papa, o bispo e o presbitério; doar-se total e incansavelmente ao ministério pastoral, ao empenho missionário e evangelizador; ser o homem da caridade, da fraternidade, da bondade, do perdão, da misericórdia para com todos, consciente de que Deus enviou seu Filho ao mundo não para condenar o mundo, mas para salvá-lo; ser solidário com os pobres, sendo seu defensor e amigo, vendo neles os preferidos de Deus. “Então — como disse Jesus — sede perfeitos, como vosso Pai celeste é perfeito” (Mt 5, 48).

Sobre a centralidade da Eucaristia na vida do presbítero, lembremos a palavra de Bento XVI na *Sacramentum Caritatis*:

A forma eucarística da existência cristã manifesta-se, sem dúvida, de modo particular no estado de vida sacerdotal. A espiritualidade sacerdotal é intrinsecamente eucarística [...]. Para conferir à sua existência uma forma

eucarística cada vez mais perfeita, o sacerdote deve reservar, já no período de formação e depois nos anos sucessivos, amplo espaço para a vida espiritual. É chamado a ser continuamente um autêntico perscrutador de Deus, embora ao mesmo tempo permaneça solidário com as preocupações dos homens. Uma vida espiritual intensa permitir-lhe-á entrar mais profundamente em comunhão com o Senhor e ajudá-lo-á a deixar-se possuir pelo amor de Deus, tornando-se sua testemunha em todas as circunstâncias, mesmo difíceis e obscuras (n. 80).

[...] Se estas pobres reflexões ajudarem um pouco, já me sentirei recompensado. Repito que a Igreja neste ano especial quer dizer aos sacerdotes que os ama, os admira e reconhece sua insubstituível e incansável participação pastoral na missão e na vida eclesiais. De minha parte, aprendi de São Francisco de Assis, de quem a legenda narra que teria dito: “Se pela manhã encontrasse em meu caminho um sacerdote e um anjo, mesmo se o sacerdote fosse um grande pecador, saudaria primeiro o sacerdote e depois o anjo, porque é o sacerdote quem nos dá o pão eucarístico”.